

INDÚSTRIA DE MODA GLOBAL E COMÉRCIO JUSTO

Global fashion industry and fair trade

Paixão, Maria Cristina Tavares Lacerda Mansur; Mestranda; Universidade de São Paulo, cristinamansur@usp.br¹

Kanamaru, Antônio Takao; PhD; Universidade de São Paulo, kanamaru@usp.br²

Resumo: O objetivo é analisar os conceitos de indústria de moda global, economia solidária e comércio justo. Os referenciais teóricos serão Paul Singer, Lilyan Berlim e Pierre W. Johnson. A proposta é analisar como a moda e o comércio justo podem atuar para promover a inclusão social, usando como exemplo a marca de moda *People Tree*.

Palavras chave: indústria de moda global; comércio justo; economia solidária.

Abstract: The article aims to analyze the concepts of global fashion industry, solidarity economy and fair trade. For this discussion, the research will use theoretical references such as Paul Singer, Lilyan Berlin and Pierre W. Johnson. The proposal is to analyze how fashion and fair trade can act to promote social inclusion, using the fashion brand *People Tree* as an example.

Keywords: global fashion industry; Fair trade; solidarity economy.

¹ Graduada em Negócios da Moda pela Universidade Anhembi Morumbi (2013) e especialista em Marketing (MBA) pela Escola Superior em Propaganda e Marketing (2015). Atualmente cursa mestrado em Têxtil e Moda na Universidade de São Paulo desde 2017.

² Professor com Licenciatura Plena em Educação Artística Habilitado em Artes Plásticas pelo Instituto de Artes da UNESP (1996). Doutor em Arquitetura e Urbanismo (Design) pela FAU/USP (2006). Mestre em Artes Visuais pelo IAN/UNESP (2000). Orientador-pleno credenciado em Programa de Pós-Graduação na área (PPGTM-EACH/USP-Leste) desde 2010.

Introdução

O trabalho a seguir consiste no estudo teórico da indústria de moda, as consequências de sua globalização e soluções encontradas através do comércio justo, conceito existente na economia solidária. Segundo o documentário *The True Cost* (2015), a indústria de moda global gera em torno de três trilhões de dólares anualmente. A produção globalizada acontece quando a produção de mercadorias é terceirizada para economias de baixo custo, principalmente para onde os salários são extremamente baixos. Isso gera o corte de gastos e desrespeito às medidas de segurança nas confecções locais, que tentam sobreviver com a alta competitividade entre si. Trabalhando em uma indústria voltada para a mensuração de lucros, as confecções têm pouco incentivo para mudar, sendo o único ponto na cadeia de moda onde as margens são baixas. Os direitos humanos, o meio ambiente e os direitos trabalhistas se perdem, levando ao empobrecimento da massa de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Após da leitura dos livros “Introdução à Economia Solidária” de Paul Singer (2002) e “Moda e Sustentabilidade: uma reflexão necessária” de Lilyan Berlin (2012) e “Comércio Justo e Solidário” de Pierre W. Johnson (2004), foi identificada a necessidade de estudar mais a fundo o tema em questão visando as possibilidades para a produção e venda de artigos de vestuário gerando crescimento econômico sem cometer injustiças sociais, e como essas possibilidades podem ser exploradas através do comércio justo.

O objetivo geral é realizar um estudo teórico sobre a indústria de moda global e a economia solidária. Os objetivos específicos são: constatar como a indústria de moda global funciona; identificar como a economia solidária colabora para impulsionar a inclusão social; analisar o modelo de marca de moda *People Tree*, que trabalha com o comércio justo, e constatar de que forma a mesma opera. O trabalho em questão visa o desenvolvimento da pesquisa de mestrado em Têxtil e Moda (Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades) voltado para a indústria de moda global e comércio justo.

A indústria de moda global

A moda abrange áreas de estudo de diferentes setores, sendo elas da sociologia, antropologia e também da economia, por se tratar de uma das maiores indústrias da economia mundial. É importante lembrar que o processo pelo qual a moda acontece é longo, envolvendo desde o plantio de sementes, aos desfiles de moda e até a venda para o cliente final (BERLIM, 2012).

O surgimento do modelo *fast fashion*³ colabora de forma decisiva para o aceleração do mercado consumidor de moda. Ao ofertar produtos descartáveis por preços baixos, as grandes varejistas convencem seus clientes de que estão oferecendo uma troca comercial favorável. Já os consumidores utilizam as ofertas como um disfarce para o sentimento de culpa, causado pelo consumo excessivo (CIDEIRA, 2005). Compram-se mais de 80 bilhões de novas peças de roupas todos os anos, cerca de 400% a mais do que há apenas duas décadas (The True Cost, 2015). O *fast fashion* apresenta em torno de 52 coleções por ano, mantendo novos produtos entregues no varejo a cada semana, mudando a forma como as roupas são compradas, vendidas e produzidas (ibid., 2015). No entanto, os consumidores podem não ter conhecimento de que fazem parte de impactos sociais mundiais causados pela indústria da moda.

Cada vez mais as grandes empresas, que frequentemente comandam a cadeia têxtil-vestuário mundial, excluem as atividades produtivas propriamente ditas e focam suas atividades e seus esforços nos ativos intangíveis como marca, desenvolvimento de produto, design, marketing, canais de distribuição e comercialização. São estes ativos que garantem maior comando e a maximização dos ganhos da cadeia. Uma forma desta separação ocorre por meio do deslocamento das atividades produtivas para regiões/países onde o custo do trabalho é menor, sobretudo no segmento de vestuário (intensivo em trabalho). Este deslocamento da produção pode ser via investimento direto ou por meio de subcontratação, caso mais frequente e crescente (BENTO, 2008, p. 57).

³ *Fast fashion* é o termo utilizado para designar a renovação constante das peças comercializadas no varejo de moda. Surgiu no final dos anos 90, utilizada pela imprensa para identificar a atualização cada vez mais rápida dos produtos de moda nas grandes varejistas (SEBRAE, 2015).

A Organização Internacional do Trabalho (*International Labor Organization*) define o setor de têxtil, vestuário, couro e calçados como uma indústria caracterizada por rápidas mudanças impulsionadas pelo mercado e que oferece oportunidades de emprego para milhões de trabalhadores em todo mundo, com grande potencial para contribuir significativamente para o desenvolvimento econômico e social. No entanto, sua produção é, em geral, terceirizada para fornecedores em diferentes países, o que contribui para uma baixa previsibilidade do setor com margens de lucro baixas, levando a uma competição, que reduz os custos. Adicionalmente, permanece entre as indústrias mais intensivas em mão-de-obra escrava, apesar dos avanços na tecnologia e nas práticas de trabalho.

Mão de obra escrava em grandes varejistas

Em geral, o consumidor preocupa-se com a busca pelo menor preço, sem ter conhecimento, seja por falta de interesse ou de informação, da forma real de como a produção mundial ocorre, impulsionando a forma moderna de escravidão. A Associação Mundial contra o Trabalho Escravo (*Anti-Slavery International*) define a escravidão moderna como trabalho forçado, através de coação ou ameaça mental e física: trabalhadores controlados por empregadores através de abuso mental ou ameaça de abuso; indivíduos tratados como mercadorias e vendidos como propriedades; e até mesmo pessoas com restrições de livre circulação. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2016) estima que quase 21 milhões de pessoas sejam vítimas, sendo que 19 milhões são exploradas por empresas. O trabalho forçado gera cerca de 150 bilhões de dólares em lucros ilegais por ano, sendo os setores do trabalho doméstico, agricultura, construção, manufatura e entretenimento os mais preocupantes.

O documentário *The True Cost* (2015) aponta a marca sueca multinacional de moda *H&M* como exemplo de grande varejista envolvida nessas operações. A empresa domina o modelo *fast fashion*, sendo a segunda

maior corporação têxtil na história. Com um rendimento anual de mais de 18 bilhões de dólares, é uma das maiores produtoras de roupas em países como Bangladesh⁴ e Camboja (ibid., 2015). Nações em desenvolvimento anseiam pelos negócios ofertados por grandes empresas e, por causa da ameaça constante de mudança da produção para outros países, o governo mantém os salários baixos e evita diariamente a execução das leis de trabalhos locais. Como não empregam oficialmente os trabalhadores, as marcas continuam obtendo lucros enquanto permanecem sem se responsabilizar pelos efeitos da miséria, desastres e pelas contínuas ações de violência em greves e manifestações da população (ibid., 2015).

As consequências do consumo sem precedentes trouxeram o lado pouco conhecido da moda para os jornais quando um prédio conhecido como *Rana Plaza* desabou em abril de 2013, após ignorar advertências de evitar o uso do local mesmo com o aparecimento de rachaduras na estrutura. O edifício em Dhaka, capital de Bangladesh onde se concentra a maior parte das fábricas de roupa no país, alojava quatro fábricas de roupa independentes com cerca de cinco mil empregados. Foram encontrados mortos cerca de 1130 funcionários (ibid., 2015).

Segundo a British Broadcast Corporation (BBC News, 2013) no Sudeste da Ásia, inúmeras dessas operações existem sem cumprir os requisitos mínimos de segurança, abrigando menores de idade que trabalham na linha de confecção de roupas, terceirizando seus serviços para obter custos menores e entrega rápida. As atividades podem ser simples, como a aplicação de aviamentos (botões, zíperes, entre outros.). Os itens de vestuário retornam então para a fábrica contratante sem que os compradores tenham conhecimento dos detalhes desse processo. Apesar de alegar a intenção de melhora das condições de trabalho no país, o governo de Bangladesh teme as consequências para milhões de indivíduos que dependem da indústria para garantir renda (ibid., 2013).

Apenas seis meses antes do desabamento do *Rana Plaza*, um incêndio matou cerca de 100 empregados da fábrica de vestuário *Tazreen*

⁴ Bangladesh é o segundo maior exportador de roupas depois da China.

Fashion. A explosão da fábrica *Ali Enterprises* tirou a vida de mais de 254 pessoas em setembro de 2012 no Paquistão. Sendo assim, três das quatro piores tragédias da história da moda aconteceram em menos de cinco anos (ibid., 2013).

Fábricas de suor

O termo “fábricas de suor” vem do inglês *sweatshop* (*sweat* = suor). Representa o local onde empregados trabalham sob condições opressivas e com salários extremamente baixos, como descrito nas confecções citadas anteriormente. Surgiu primeiramente na Inglaterra, quando palavra *sweater*, foi usada em 1850 para descrever um empregado que pratica um trabalho monótono e é mal remunerado. Já o termo *sweating* ficou conhecido nos anos 80, quando imigrantes do sul e leste europeu forneceram um fluxo de mão-de-obra barata para os Estados Unidos e Europa Central. No século XX, o aumento da industrialização fez com que as fábricas de suor emergissem em partes da América Latina e Ásia, uma tendência que acelerou com o aumento da demanda de bens de consumo no ocidente e a diminuição de barreiras do comércio internacional (ENCICLOPEDIA BRITANNICA, 2017).

Fábricas de suor geralmente envolvem má remuneração, horas de trabalho excessivas e riscos à saúde. Para que sejam possíveis, são necessárias certas condições sociais e econômicas como: massa de trabalhadores não qualificados e desorganizados, incluindo crianças; sistemas de gestão que negligenciam o fator humano no trabalho; a falta de responsabilização pelas más condições de trabalho ou a incapacidade dos governos de intervir em prol dos trabalhadores. Essas condições podem levar à exploração do trabalho (muitas vezes de mulheres, crianças e, no mundo desenvolvido, trabalhadores sem documentos ou imigrantes) e má qualidade do produto final (ibid., 2017).

No século XIX, as fábricas de suor eram comuns na produção de sapatos, sabão, charutos e flores artificiais. As condições eram piores nas grandes cidades, onde os *sweatshops* podem ser escondidos em áreas de

favelas. Embora a legislação tivesse, em meados do século XX, controlado a situação na maioria dos países desenvolvidos, o sistema ainda estava operando em muitos países da Ásia, onde grande número de pessoas estavam envolvidas em trabalhos feitos em residências e em pequenas lojas de fábrica (ibid., 2017).

Os fatores que contribuíram para o controle dessas fábricas no século XX incluíram o crescimento das leis laborais nacionais americanas, as pressões exercidas pelos sindicatos, a influência política dos partidos trabalhistas, a consciência social decorrente do ativismo e, por parte da indústria, o reconhecimento da eficiência do trabalho de produção de fábrica, além do interesse crescente nas relações humanas. Em todo o mundo, a OIT tentou elevar as normas laborais nos países onde os *sweatshops* ainda são comuns. Ainda assim, as indústrias de vestuário e sapatos estamparam capas de jornais nos últimos anos, quando se descobriu que os itens de vestuário de populares marcas americanas eram produzidos em fábricas de suor de países em desenvolvimento (ibid., 2017).

Economia solidária

A economia solidária nasceu como consequência do capitalismo industrial e do empobrecimento dos artesãos. A Revolução Industrial causou a exploração sem limites do trabalho nas fábricas, mas industriais bem estabelecidos, como Robert Owen, começaram a propor leis de proteção aos trabalhadores. Proprietário de um grande complexo têxtil em *New Lanark*, Grã-Bretanha, Owen limitou a jornada de trabalho e proibiu a contratação de crianças. Suas práticas tiveram impacto direto na produtividade e lucros da empresa na primeira década do século XIX (SINGER, 2002). Suas ideias e planos de construção de Aldeias Cooperativas⁵ para reinserir os pobres na produção e geração de renda, apesar de rejeitadas pelo governo britânico, inspiraram seus discípulos a criar sociedades cooperativas por toda a parte.

⁵ Owen elaborou um plano onde os fundos de sustento dos pobres seriam investidos e compra de terras e construção de Aldeias Cooperativas, onde cerca de 1200 pessoas trabalhariam na terra e em indústrias, produzindo sua própria subsistência (SINGER, 2002).

Uma delas surgiu em 1844 em Rochdale, um importante centro têxtil no norte da Inglaterra. A cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale tornou-se a mãe de todas as cooperativas. Singer relata sobre o possível impulso de sua criação e os princípios adotados na cooperativa:

O impulso para a criação da cooperativa pode ter sido a derrota de uma greve de tecelões em 1844. Adotaram uma série de princípios, que seriam depois imortalizados como os princípios universais do cooperativismo: 1º) que nas decisões a serem tomadas cada membro teria direito a um voto, independentemente de quanto investiu na cooperativa; 2º) o número de membros da cooperativa era aberto, sendo em princípio aceito quem desejasse aderir. Por isso este princípio é conhecido como o da “porta aberta”; 3º) sobre capital emprestado a cooperativa pagaria uma taxa de juros fixa; 4º) as sobras seriam divididas entre os membros em proporção às compras de cada um na cooperativa; 5º) as vendas feitas pela cooperativa seriam sempre feitas à vista; 6º) os produtos vendidos pela cooperativa seriam sempre puros (isto é, não adulterados); 7º) a cooperativa se empenharia na educação cooperativa; 8º) a cooperativa manter-se-ia sempre neutra em questões religiosas e políticas (SINGER, 2002, p. 40-41).

A economia solidária trata-se de um modo de produção alternativo ao capitalismo, em que os seus princípios básicos são a propriedade coletiva do capital e o direito à liberdade individual. Singer relata sua origem como uma verdadeira revolução cooperativista, que tornou evidente a ligação dessa economia com a “crítica operária e socialista do capitalismo” (SINGER, 2002, p. 35). Para o autor, o capitalismo é um conceito baseado na competitividade entre indivíduos sendo empregado há tanto tempo que é considerado um movimento natural da economia. A competição, neste caso, faz apologia apenas para os vencedores, que acumulam vantagens. Aqueles considerados perdedores acumulam desvantagens para as competições futuras.

Para Singer, a possibilidade da igualdade e inclusão social necessita que a economia fosse solidária em vez de competitiva, criada pela cooperação de seus participantes, seguindo o modelo de divisão de trabalho entre e dentro de empresas. Cada indivíduo é capaz de desenvolver uma atividade

especializada, resultando em um produto ou serviço que só tem sua devida utilidade quando completado por outros produtos e serviços (ibid., 2002).

A cadeia produtiva de moda é constituída de etapas produtivas e inter-relacionadas, abrangendo os estágios de produção da matéria-prima, fiação, tecelagem, acabamento, confecção e mercado (LUPATINI, 2004). Cada uma dessas etapas possui suas especificidades fundamentais para o desenvolvimento da fase seguinte, ou seja, todas possuem sua importância. Dessa forma, é preciso repensar o modo como a produção globalizada ocorre, pois a mesma explora e desvaloriza o trabalho da mão-de-obra, principalmente nas confecções terceirizadas.

Teoria da dependência e o comércio justo

Em “A estrutura da dependência”, Theotonio dos Santos (2011) disserta sobre a teoria da dependência, explicando que a mesma ocorre quando a economia de certos países é subordinada e condicionada pelo desenvolvimento da economia de outros. Santos (ibid., 2011) analisa o processo de constituição da economia global e afirma que as relações produzidas por esse mercado são desiguais, pois o desenvolvimento de certas partes depende de outras. O autor explica:

Para permitir relações tão desvantajosas, os países dependentes têm de gerar grandes excedentes, não por meio da criação de tecnologias de nível mais elevado, mas pela super exploração da força de trabalho. O resultado disto é a limitação do desenvolvimento de seu mercado interno e de sua capacidade técnica e cultural, bem como da saúde moral e física de sua população. Isto se denomina desenvolvimento combinado, pois é a combinação dessas desigualdades e a transferência de recursos dos setores mais atrasados e dependentes aos mais avançados e dominantes o que explica e aprofunda a desigualdade, e a transforma em um elemento necessário e estrutural da economia global (SANTOS, 2011, p. 06).

No caso, alguns países podem se expandir e ser autossustentáveis, porém outros só conseguem desenvolver-se por causa do reflexo dessa expansão. Pierre W. Johnson (2004), define o comércio justo como um

conjunto de práticas socioeconômicas alternativas a essa estrutura, que estabelecem relações entre consumidores e produtores baseadas na equidade. Segundo o Instituto Marista de Solidariedade, IMS (2010), o comércio justo nasceu no final dos anos 50, como um movimento social e econômico, com o objetivo de gerar benefícios aos produtores dos países do sul do mundo (países dependentes) que possuem desvantagens em relação aos mercados convencionais. São alianças criadas entre os produtores do Sul e consumidores do Norte que combatem a exploração explicada na teoria da dependência, promovendo a inclusão social e econômica de empreendedores que estão à margem do mercado. Para o Sebrae Nacional (2016) "... o Comércio Justo, Ético e Solidário atribui grande parte da miséria, da devastação ambiental e da massificação cultural do planeta às relações comerciais injustas entre pessoas, empresas e nações.". Portanto, trata-se de uma alternativa ao comércio tradicional, orientado por valores éticos, sociais e ambientais, visando o desenvolvimento das comunidades locais através do trabalho (IMS, 2010).

People Tree: exemplo da possibilidade do comércio justo

Como exemplo de empresas voltadas para o comércio justo que questionam os impactos de um modelo construído em uma produção descuidada, é possível identificar a marca de moda *People Tree*. O projeto começou há quase 25 anos no Japão e considera o desenvolvimento social dos trabalhadores e o meio ambiente como algo absolutamente essencial para todas as etapas do processo de criação da coleção. Reconhecida pela indústria têxtil como pioneira em moda sustentável e ética, a empresa possui parceiras com produtores de comércio justo, sendo confecções, artesões e até agricultores de países em desenvolvimento para produzir suas coleções de moda ecológicas (*The True Cost*, 2015). Define-se como uma marca *slow fashion*, uma opção alternativa ao *fast fashion*, posicionando-se contra a

exploração da mão-de-obra e poluição ambiental⁶. Os itens de vestuário são feitos de algodão orgânico e materiais sustentáveis, usando habilidades tradicionais⁷ que apoiam as comunidades rurais (*People Tree*, 2017).

A empresa afirma seguir os princípios do comércio justo em todos os aspectos do negócio e todos os seus produtores e fornecedores trabalham dentro dos mesmos padrões. Foi a primeira no ramo de vestuário no mundo a receber a marca de produto *Fair Trade*. Dessa forma, o trabalho realizado dentro da empresa está ajudando a reduzir a pobreza nas comunidades mais marginalizadas do mundo, trabalhando em colaboração nos países em desenvolvimento para construir negócios viáveis que sustentem as comunidades. Para isso, consideram-se os meios de subsistência das pessoas no início do processo de design, desde o momento em que uma peça de roupa é esboçada, analisando as maneiras de criar trabalho nos países em desenvolvimento. Quando o design de uma roupa é apresentado com duas maneiras de serem feitas, e um método requer mais mão-de-obra, como a tecelagem de mão, será selecionado esse método de produção. Por exemplo, ao adicionar bordados à mão para uma peça de vestuário simples, *People Tree* pode fornecer renda para uma família.

A marca está comprometida com os princípios da Organização Mundial do Comércio Justo (WFTO), e pretende ser uma empresa 100% de comércio justo em toda a cadeia de suprimentos. Atualmente apoia 34 grupos de comércio justo em 13 países em desenvolvimento usando habilidades manuais para fortalecer os meios de subsistência e capacitar mais de 4.500 produtores, que empregam cerca de 15 mil artesãos e agricultores (ibid., 2017).

⁶ Outra justificativa para o termo é o tempo para os produtores de comércio justo criar as roupas à mão. O processo de design começa mais de ano antes dos produtos serem disponibilizados para o cliente final. Dessa forma, os produtores têm tempo para criar produtos e pagar um salário justo para a mão-de-obra.

⁷ Habilidades tradicionais como tecelagem e bordados fornecem meios de subsistência para artesãos em áreas rurais em todo o mundo.

Considerações finais

A partir do estudo teórico, foi possível constatar que a indústria de moda global funciona através da produção terceirizada para fornecedores em diferentes países que competem entre si, abrindo espaço para a exploração da mão-de-obra. Em decorrência da competitividade e da redução de custos, trabalhadores ao redor do mundo são submetidos à subcondições de trabalho. Foi possível identificar que a exploração da mão-de-obra acontece há anos e que, através da economia solidária, cooperativas gerenciadas por trabalhadores buscam alternativas visando o bem-estar social e o desenvolvimento das comunidades. Além disso, foi possível analisar um modelo de marca de moda, *People Tree*, que trabalha com o comércio justo.

Após o estudo realizado, pode-se analisar a moda como uma ferramenta para o desenvolvimento social e sustentável. Através do comércio justo, a moda pode proporcionar a geração de empregos, reduzindo a pobreza nas comunidades marginalizadas, promovendo a sustentabilidade ambiental.

Trata-se de uma resposta da cidadania para corrigir a injustiça em um sistema de comércio internacional, onde trabalhadores não recebem um salário adequado e o meio ambiente não é levado em consideração. Ao mudar as estruturas injustas do comércio mundial, a moda, através do design, pode criar um sistema mais democrático, quando aliada aos conceitos da economia solidária e comércio justo.

Referências Bibliográficas

ANTI-SLAVERY International. **What is Modern Slavery?** London, [s.d.]. Disponível em <<https://www.antislavery.org/slavery-today/modern-slavery/>>. Acesso em 20 de mar. de 2017.

BBC News. **Desabamento em Bangladesh revela o lado obscuro da indústria de roupas.** [S.l.], 2013. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/04/130428_bangladesh_tragedi_a_lado_obscuro>. Acesso em 18 de fev. de 2017.

BENTO, C. F. **Dinâmica da moda: um estudo sobre a cadeia produtiva da moda** (Monografia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

BERLIM, L. **Moda e Sustentabilidade: Uma reflexão necessária.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012.

CIDREIRA, R. P. **Os Sentidos da Moda.** Annablume: São Paulo, 2005

FASHION Revolution. **2016 Impact.** Disponível em <<http://fashionrevolution.org/about/2016-impact/>>. Acesso em 29 de mar. de 2017.

FASHION Revolution. **Fashion Transparency Index.** Derbyshire, 2016. Disponível em http://fashionrevolution.org/wp-content/uploads/2016/04/FR_FashionTransparencyIndex.pdf. Acesso em 29 de mar. de 2016.

INTERNATIONAL Labour Organization. **Forced labour, modern slavery, and human trafficking.** Switzerland, 2016. Disponível em <<http://www.ilo.org/global/topics/forced-labour/lang--en/index.htm>>. Acesso em 25 de mar. de 2017.

INTERNATIONAL Labour Organization. **Textiles, clothing leather and footwear sector.** Switzerland, [s.d.]. Disponível em <<http://www.ilo.org/global/industries-and-sectors/textiles-clothing-leather-footwear/lang--en/index.htm>>. Acess em 17 de mar. de 2017.

JOHNSON, P. W. **Comércio Justo e Solidário.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Instituto Pólis, 2004. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 8).

LUPATINI, M. P. **As Transformações Produtivas na Indústria Têxtil-vestuário e seus Impactos sobre a Distribuição Territorial da Produção e a**

Divisão do Trabalho Industrial (Dissertação de Mestrado). Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

PEOPLE Tree. **Our Story**. Disponível em: <<http://www.peopletree.co.uk/about-us/>>. Acesso em 20 de maio de 2017.

SANTOS, T. **A estrutura da dependência**. In: Revista Soc. Bras. Economia Política, n.30, São Paulo, 2011.

SEBRAE Nacional. **Fast fashion ganha destaque no varejo de moda**. [S.l], 2015. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/fast-fashion-ganha-destaque-no-varejo-de-moda,ef695d27e8fdd410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em 26 de mar. de 2017.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

THE TRUE Cost. Direção: Andrew Morgan. Produção: Michael Ross. Elenco: Vandana Shiva, Stella McCartney e outros. Roteiro: Andrew Morgan. [S.l]: Life is my Movie Entertainment; Untold Productions, 2015. Netflix (92 min.). . Acesso em: 16 ago. 2001